

# A mutação e a contemporaneidade narrativa em *Perdido de volta*, de Miguel Gullander

Carlos Giovanni Dutra Del Castillo<sup>1</sup>

**Abstract:** This article analyzes the novel *Perdido de volta* (2007), of the Portuguese-Scandinavian Miguel Gullander, from the perspective of the transformations that the different characters suffer, as they question their own existences and their surroundings. Therefore, the theme of mutation is symbolized in a famous Norwegian myth, the swirl *Maelström*, whose cultural paradigm synthesizes the metaphor of transformation. In addition, there are contemporary features in his narrative style that bifurcate the different stories addressed. This literary work evokes a rich symbolism that transits between Western culture (the Scandinavian myth) and Eastern (with the *I-Ching*, the Chinese *Book of mutations*) to make us reflect, as readers, on a Philosophy regarding Metaphysics, involving the various characters in truly transforming plots. It is an intriguing novel from the literary and philosophical point of view.

**Keywords:** Contemporary Portuguese novel; mutation; Philosophy.

**Resumo:** Este artigo analisa o romance *Perdido de volta* (2007), do luso-escandinavo Miguel Gullander, sob a perspectiva das transformações que os diversos personagens sofrem, na medida em que questionam suas próprias existências e o seu entorno. Portanto, a temática da mutação é simbolizada em um célebre mito norueguês, o redemoinho *Maelström*, cujo paradigma cultural sintetiza a metáfora da transformação. Além disso, há traços contemporâneos em seu estilo narrativo que bifurcam as distintas histórias abordadas. Esta obra literária evoca um rico simbolismo que transita entre a cultura ocidental (o mito escandinavo) e a oriental (com o *I-Ching*, *O livro das mutações* chinês) para nos fazer refletir, como leitores, acerca de uma filosofia de cunho metafísico, envolvendo os diversos personagens em tramas verdadeiramente transformadoras. É um romance instigante do ponto de vista literário e filosófico.

**Palavras-chave:** Romance contemporâneo português; mutação; Filosofia.

## Introdução

Um ponto em comum do ser humano, cujos hábitos são feitos de costumes arraigados culturalmente, é o *status* provocado por alguma mudança profunda. Aquelas situações da vida que de alguma forma costumam desestruturar a todos nós, de súbito. Por exemplo, algum fator externo nos atinge o âmago a tal ponto que não somos a mesma pessoa depois de sofrer tal metamorfose interna. Pode ser através de uma experiência

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras e doutorando em História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

pessoal que desencadeia um instante em que temos um *insight*, e de repente, nossa visão de vida se modifica completamente; ou por um livro que lemos e que, surpreendentemente, nos apresenta um novo panorama sobre tudo, como se descobríssemos um novo mundo dentro de nós mesmos.

O romance *Perdido de volta* (2007), do escritor luso-escandinavo Miguel Gullander (nascido em 1975, em Oeiras, Portugal, com ascendência familiar nórdica) será analisado sobre dita perspectiva, na qual alguns personagens vão sofrendo mutações psicológicas e filosóficas, em face de momentos que desencadeiam emoções e instantes de reflexão (leiam-se os famosos *insights* ou momentos de lucidez transcendental para o indivíduo). Trata-se de uma habilidosa viagem surreal, repleta de idas e vindas entre a África, a Europa e outras dimensões internas dos personagens (como reflexões metafísicas abundantes mediante monólogos interiores ou fluxos de consciência). Dessa forma, na trama cruzam-se diversos personagens e, dentre os principais, há um professor de português na África (não por acaso um escandinavo mestiço), uma aeromoça, um economista e um velho guru. Para entrelaçar as histórias de vida deles, a fluência da narrativa não é linear, sendo entrecortada por essas diferentes vozes narrativas e, por isso, requer muita atenção do leitor. Miguel Gullander suscita, assim, um alucinante caleidoscópio de imagens em que trechos do início ressurgem ao final, renegando a estrutura clássica de começo, meio e fim.

No entanto, o aspecto formal da narrativa é um puro reflexo da temática que serve de eixo e norteará a análise neste trabalho, a qual diz respeito à maneira como as mudanças experimentadas pelos personagens são simbolizadas constantemente por um célebre mito nórdico: a lenda do *Maelström*, cujo teor subsidia e é o motivo de estímulo para a construção do enredo. Essa antiga história da mitologia escandinava está ligada à natureza marítima e se refere a um grande redemoinho em alto mar, conhecido por sua força destruidora de navios e símbolo do poder das águas e da natureza. É uma metáfora da cultura escandinava construída historicamente pelas navegações dos *vikings* e também um símbolo do caos da vida, do turbilhão de acontecimentos, cujo resultado é imprevisível, pois não se sabe o que se ocorre até que acabe o movimento das águas. Haja vista que, dentro da narrativa, os personagens encaram o *Maelström* de seus mundos interiores, cada um com suas dúvidas morais, seus distúrbios e angústias filosóficas e psicológicas. O primeiro personagem a surgir e narrar no romance, por exemplo, não se identifica, mas logo avisa que está entrando em um redemoinho mítico, ou seja, em uma narrativa ou história que o assombra, o confunde de certa forma e arrastará fatalmente o leitor consigo: “Sobressalto. Tinha adormecido, por instantes, como numa tarde de sol, quando se desliza para um sono profundo, instantâneo, numa praia de areias quentes” (GULLANDER, 2007, p. 17).

Assim, quando se inicia a leitura percebe-se uma forma de narrar bastante peculiar, uma vez que o autor utiliza um estilo de contar bastante contemporâneo, metaforizando o movimento do redemoinho (representado pelo *Maelström*) por meio das ideias explanadas, sintetizando um emaranhado desses redemoinhos, conforme o movimento violento desse fenômeno marítimo do mito nórdico. Por um lado, é um “caos intencional”, cheio de fatos e eventos desconexos, e por outro, mantém-se certa coerência ao longo do romance no que concerne à temática em comum, a qual permeia e liga alguns personagens da trama. A contemporaneidade do estilo se imprime no narrador, por exemplo, quando ele brinca com a própria estrutura narrativa, ao conversar com o leitor, de forma meta-literária:

Consolem-se os que sabem de estruturas narrativas, porque não haverá artifícios trágicos, fáceis, estilo deus ex-machina a entrar cena adentro, palco abaixo, para resolver a confusão toda- o enredo da nossa vida- e para o qual eu não consigo descobrir desenlace. (GULLANDER, 2007, p. 35)

Portanto, há nesta breve introdução do narrador um anseio de fazer um pacto de verossimilhança com o leitor, esclarecendo a esse narratário (uma espécie de leitor idealizado) a veracidade dos fatos narrados: “Todas as pessoas são uma máscara e todas as máscaras escondem um só dançarino. Tudo o que aqui foi lido é tão real quanto tudo que já experimentaste. Aconteceu mesmo. Tal como incenso ao vento” (GULLANDER, 2007, p. 13). Essa técnica narrativa de envolver ao leitor prossegue no primeiro capítulo, “Passaporte para a descida”, no qual o narrador-personagem (não se identifica) segue um intenso diálogo com o seu leitor hipotético e quer logo afirmar também sua sanidade mental frente aos eventos que irá contar:

Eu não estou louco, nem possuído, como alguns dizem. Simplesmente não aguento preso-seja entre paredes ou, até mesmo, dentro do corpo. Por isso, muitas vezes mudo de corpo- e as pessoas deixam de me reconhecer. Eu não estou louco, apenas sou um viajante- e os aventureiros são imprevisíveis: num momento estão aqui, logo agora, estão ali. O meu lugar preferido para viajar até ao outro lado do universo. (GULLANDER, 2007, p. 15)

Este trecho exemplifica bem a ideia central da obra, configurada na mudança de paradigma ou mutação, enquanto foco temático essencial da narrativa, posto que abundam desde o início diversas metáforas da transformação: palavras que indicam mudanças de estado ou ânimo, tais como “louco” (a loucura como alteração ou mudança, em face da normalidade); estar “possuído” (o que denotaria uma mudança de personalidade); “mudo de corpo”- ideia milenar da reencarnação ou ressurreição; “viajante”, como mudança de lugar exterior ou interior, dependendo do contexto empregado.

### A metáfora da mudança na “descida no *Maelström*”

Diante disso, as metamorfoses nas vidas dos personagens são uma constante e se manifestam de uma maneira abrupta, intrigante, mencionadas inclusive com o nome do mito escandinavo: “A descida no *Maelström*”. Descer no redemoinho é outra metáfora da mutação, na medida em que essa declinada representa a mudança interior, já que na lenda o *Maelström* era um redemoinho encontrado nos mares gelados da Noruega, com um poder destrutivo que tragava as embarcações dos vikings e estes nunca mais eram vistos. É, então, um mito que possui uma vasta tradição literária mundial no que se refere ao contexto de uma viagem ou caminhada que modifica espiritualmente as pessoas, até mesmo podendo significar uma viagem cósmica:

Nas lendas e mitos de todas as culturas, um tema reaparece com frequência: o das viagens fantásticas, em que um ou mais homens (e/ou mulheres) enfrentam enormes desafios e monstros em partes estranhas do mundo, reais ou imaginárias. As aventuras simbolizam um processo de transformação pessoal, muitas vezes ligado a um despertar espiritual: a pessoa que sobrevive à aventura não é a mesma. Ela se torna herói (ou heroína), com uma visão

de mundo diferenciada, mais sábia. Os perigos enfrentados e as várias tarefas que precisam ser concluídas representam passos nesse processo de amadurecimento. Nessas histórias, a pessoa se reinventa através de suas explorações. Quem conhece a trilogia épica “O Senhor dos Anéis” sabe ao que me refiro. Quando era adolescente, devorava os contos de Edgar Allan Poe. Um dos que mais me impressionaram foi (e é) “Descida no Maelström”, que narra a terrível aventura de um explorador que é tragado pelo Maelström, um redemoinho gigantesco que, segundo lendas da Idade Média, existia na costa da Noruega. Uma viagem ao interior do Maelström era uma viagem só de ida; dele, ninguém saía. Apenas, claro, o narrador do conto, cujos cabelos, que no início da viagem eram negros como as penas de um corvo, tornaram-se inteiramente brancos. A certa altura, quando era evidente que ele não escaparia da atração do turbilhão, diz: “Sentia positivamente um desejo de explorar-lhe as profundezas, mesmo ao preço do sacrifício que ia fazer; e meu maior pesar era que jamais poderia contar a meus amigos, na praia, os mistérios que iria conhecer” [...] A narrativa de Poe é metáfora excelente para uma viagem a um buraco negro. Mesmo que, na Terra, o Maelström tenha provavelmente cedido lugar a uma gigantesca plataforma de petróleo no Atlântico Norte, o cosmo está repleto deles. Uma viagem até um seria ainda mais memorável do que a do herói de Poe. (GLEISER, 2019, s/n)

Dessa forma, o conto de Poe (citado por Gleiser) *Descida no Maelström*<sup>2</sup>, publicado em 1841, é um grande exemplo da importância dessa história mítica. E nele há a mudança tematizada quando o personagem, quem adentra o famoso e temido redemoinho, sai diferente: está mais velho do que o habitual. Em pouco tempo, seus cabelos de negros se transformam em fios brancos, numa estranha metamorfose, já que haviam transcorrido apenas algumas horas do ocorrido, conforme se observa neste trecho da narrativa de Poe:

“Não faz muito tempo”, disse por fim, “eu podia ter guiado o senhor por este caminho tão bem quanto o mais novo de meus filhos; mas, cerca de três anos atrás, aconteceu comigo um fato como nunca ocorreu antes a nenhum ser mortal – pelo menos a alguém que tenha sobrevivido para contá-lo – e as seis horas de implacável terror que enfrentei na ocasião me abalaram o corpo e o espírito. O senhor deve imaginar que eu seja... muito velho – mas não sou. Menos de um dia foi o suficiente para que os meus cabelos mudassem do negro para o branco, as pernas e os braços enfraquecessem e meus nervos se afrouxassem, a tal ponto que fico têmulos ao menor esforço e assustado só em ver uma sombra. (POE, 2019, p. 3)

Em *Perdido de volta*, no entanto, Gullander opta por ignorar a questão temporal na passagem do redemoinho, haja vista que a narrativa não tem uma estrutura de enredo linear, dando mais ênfase a um estilo narrativo que reproduza esse movimento aparentemente desordenado e caótico do *Maelström*, de acordo a esse elemento metafórico que simboliza a mudança intrínseca do ser. Então, tanto forma quanto o conteúdo se entrelaçam nesse leitmotiv da mutação interior. A primeira alusão à “descida no *Maelström*” ocorre quando o narrador enumera três vezes tal fato, ou seja, o que provocou uma verdadeira metamorfose nele:

A primeira vez que viajei até outra dimensão foi quando bati a 140 km por hora com um carro, sem cinto de segurança [...] quem me conhece sabe que não estou a mentir [...] A segunda vez foi quando descobri que a mulher que amava não era aquilo que parecia ser

2 POE, E. A. *Uma descida no Maelström*. Disponível em: [http://mir2050.narod.ru/brabook/kniga\\_portuguese\\_Edgar-Poe\\_UMA\\_DESCIDA\\_NO\\_MAELESTROM\\_37pages.pdf](http://mir2050.narod.ru/brabook/kniga_portuguese_Edgar-Poe_UMA_DESCIDA_NO_MAELESTROM_37pages.pdf). Acesso em 08 fev. 2019.

[...] Ela dançava diante de mim, e com uma carícia, afastou-me a febre do rosto, como quem afasta um véu. Porém, com a sua carícia, ela também arrancou-me o rosto. A terceira vez foi quando tomei o veneno para descer o Maelström, pois queria ver a esfera da miragem, a superfície cromada em que todos os sonhos e imagens do mundo se fundem uns nos outros, como as memórias dentro da minha cabeça. (GULLANDER, 2007, p. 15-16)

A transformação pessoal é primordialmente um modo de despertar espiritual: a pessoa não é a mesma ao se deparar com uma situação inusitada. E é como se o protagonista fosse o próprio enredo, o qual abre portas da percepção dos personagens envolvidos, por meio de algum detalhe que quebre a rotina, em uma amálgama de reflexões filosóficas aparentemente desconexas, exemplificando-se numa passagem do romance:

O processo de engenharia reversiva, de autodesmantelamento e desconstrução do precioso indivíduo, e a destruição activa do seu mais precioso valor, o prospeion, a máscara, pode ser precipitado por vários eventos: uma traição, um divórcio, um tumor, um tiro, um panfleto, um telefonema, uma frase dum livro, ou uma silhueta insolitamente familiar a dobrar uma esquina, qualquer coisa em que todo o universo cúmplice concorre para, ex-machina, meter uma só pessoa no centro de toda a tragédia. Essa pessoa és tu. Se tiveres sorte sairás daqui decapitado. (GULLANDER, 2007, p. 110)

Interessante é perceber como que, nesse trecho, o narrador volta a dialogar diretamente com o leitor ou narratário, suscitando-o à reflexão e desafiando-o: “[...] se tiveres sorte sairás decapitado” (GULLANDER, 2007, p. 110); ou seja, há uma expectativa real, por parte do narrador, de modificar o pensamento do leitor idealizado. Ele utiliza essa imagem metaforizada da decapitação, símbolo da extinção dos velhos paradigmas ou ideias arraigadas em nossa mente e que podem nos paralisar, tornando-nos indiferentes no dia a dia. O viés filosófico e metafórico se multiplica, como se fossem movimentos circulares do redemoinho mítico, imagens se sobrepõem em um ritmo frenético para o leitor até chegar ao um contexto violento: “O meu destino [...] está desenhado [...] na palma desta mão, que é uma encruzilhada de mundos. A minha cabeça está pronta para ser comida pelo louva-deus- o meu crânio já está dentro de sua boca, não há fuga possível” (GULLANDER, 2007, p. 24).

O caos se instaura nos sentidos sobrepostos, os quais desafiam o leitor a compreender esse esquema narrativo tão fugaz e hermético de Gullander. A “encruzilhada de mundos” é uma metáfora do *Maelström*, na medida em que embarcar nos círculos do redemoinho mítico é uma espécie de portal cósmico, conforme vimos também no conto de Poe. A simbologia do louva-deus se baseia, biologicamente, no fato de que o macho do louva-a-deus tem a sua cabeça decepada pela fêmea no ato da cópula e, mesmo assim, costuma resistir de maneira assombrosa, antes de morrer. Portanto, a morte é o reflexo do destino, da mutação final do homem. Em outro momento da obra, o narrador sintetiza a mutação do personagem-protagonista, com antecedentes da monotonia que era trabalhar em um banco. No capítulo “4 - o banco e o agente”, ele é um economista, com tons narrativos bastante irônicos, denota os anseios de sair dessa vida escravocrata:

Eu tinha uma vida dupla. Eu trabalhava para um banco. O Banco. Uma corporação cujo comando, o topo, era invisível, porque não estava no topo, mas na base, bem subterraneamente infiltrada, em metástases, por todos os níveis da sociedade. Todos nós sabemos

como é. É este novo tipo de escravatura, com empréstimos, contratos, taxas de retorno, horas extraordinariamente longas, e uma vida que resulta sem luz natural- ou alegria, que costumava ser natural, até que começaram, também, a vendê-la em comprimidos sintéticos como nomes de anjo [...] A minha importante função [...] consistia em queimar dias inteiros a elaborar inquéritos [...] a enfiar variáveis não-lineares (isso era excitante) para dentro de programas de software inteligentes [...] (GULLANDER, 2007, p. 40-41).

O ápice da transformação ocorre graças à interação do narrador com um homem que ele encontrava no banheiro do escritório, quem começa a se questionar e quer viajar (como outro elemento importante, ligado à mudança interior) e largar esse modo de vida. Estava indignado com as práticas da sua agência, como explica:

[...] o que fazíamos era uma pré-propaganda, uma pré-venda de modelos educativos [...] Primeiro, começava por apresentar o meu país como uma autêntica história de sucesso e progresso. Esta última palavra é muito importante, pois implica um devir, um processo-de-aquisição que nunca acaba, nunca fica satisfeito, e no qual nós somos os dealers. Depois reportava esse tal progresso e sucesso à educação [...] ao nosso modelo, o que lá, na nossa terra temos instalado. (GULLANDER, 2007, p. 47)

O economista acaba acusando os governos de usarem parte do dinheiro emprestado para a educação e o resto, o excedente, colocariam nos seus bolsos, ou seja, a velha e corrupta propina. Esse caos no sistema político alude ao redemoinho se o pensarmos como metáfora da ganância infundável, que alimenta esse sistema nefasto. E o próximo governo, o qual ele chama de “gajos-iguais-aos-outros-gajos” (expressão portuguesa para caras iguais aos outros) (GULLANDER, 2007, p. 47) faria o mesmo, aumentando a dívida de modo geral: “[...] em breve já nada pertence ao país, nem ao povo - que, de democracia, o mais perto que chegam é da palavra [...] um sistema político que mais parece um muro para lamentações” (GULLANDER, 2007, p. 52). E assim, dá-se o momento crucial desse personagem (sua modificação interior): “Uma semana depois eu já não estava na agência, e preparava-me para descer o *Maelström*. Tinha sido despedido dos serviços centrais [...]” (GULLANDER, 2007, p. 55).

Outra personagem do romance que experimenta algo repentino, fazendo-a repensar sua vida, surge no capítulo “5 – lila, a mulher que voava”. Ela é uma aeromoça e encontra um livro que modifica sua maneira de ver as coisas: “[...] acerca da irreversibilidade dos nossos destinos- e dentro das suas páginas, uma nota que me desafiava para o *Maelström*” (GULLANDER, 2007, p. 57). Nesta passagem não fica claro qual é o livro que a fez mudar de pensamento, mas dado ao cruzamento da história de alguns personagens, tudo indica que seja o *I-Ching, O livro das mutações*, pois aparece com muita frequência no romance, bem como poderia ser o livro de um guru indiano não especificado, quem vai aparecer no capítulo seguinte, denominado “o guru louco-i”. Neste, o personagem central é um professor de literatura que estava afastado momentaneamente de sua função e a retoma com ares protocolares, diante da presença de importantes autoridades pedagógicas:

Fazia duas semanas que não dava aulas, mas hoje haveria aula de literatura. Com [...] a inspeção, a coordenadora e o subdirector pedagógico presentes. Estavam todos lá, incluindo um consultor externo, pertencente a uma qualquer Agência para o Desenvolvimento Pedagógico. (GULLANDER, 2007, p. 64)

Em um dado momento, há uma digressão temporal, funcionando como outro antecedente relevante para uma mudança do porvir, em que o narrador explica o porquê de o professor ser observado por todas essas autoridades em aula. Sua conduta duvidosa fora observada há algum tempo:

[...] acusações que foram feitas contra o professor. O professor que é visto, por aí, [...] vagueando através da cidade, juntamente a uma horda de malfeitores, gajos da pesada [...] É este o professor que falta às aulas, nunca marcou faltas disciplinares e não reprova alunos. O professor que, diz-se, dorme com alunas e que, por uma delas, foi justamente denunciado. (GULLANDER, 2007, p. 64)

Logo, começa-se a processar a mudança radical na vida do professor, de uma forma que, mais uma vez, relaciona-se coerentemente, com a metáfora do *Maelström*. É um mergulho no seu interior, um questionamento que busca autoconhecimento. A máscara social do professor (também de escritor e sacerdote religioso), do mestre e exemplo de conduta de uma sociedade se desmorona e deturpa, pois ela não mais o sustenta ou protege, do ponto de vista profissional, de acordo à enumeração de suas atividades que o definiam até então, antes da mutação (o verbo “fora” o atesta). Ao mesmo tempo, a transformação é papel e função social do professor. Ensinar é uma tarefa essencial para mudar as mentes, segundo o narrador expõe acerca do que é ser professor:

Ensinar é algo sagrado. Ser professor é como ser sacerdote, guru- e o templo a que lhe é granjeado acesso é, nada mais nada menos, que o coração de centenas de jovens. Por isso o seu trabalho é taboo, no sentido original da palavra polinésia; sagrado, sagrado, sagrado! Por esta mesma razão, nestas páginas não se falará sobre o Ensino, pois isso, só por si, mereceria toda a atenção, todo o carinho e todo o respeito. [...] Aquilo sobre o qual aqui se escreverá tem que ver com uns poucos eventos que, conjugados, contribuíram para a precipitação no *Maelström*, dum escritor que simultaneamente, fora um pastor, sacerdote da religião, da literatura e da poesia. (GULLANDER, 2007, p. 65)

Essa modificação radical ocorre no final desse capítulo em que, apesar das autoridades terem decidido não demiti-lo por um suposto comportamento duvidoso, o professor acaba tendo um momento extremo no qual o leva a viajar, buscando a “descida do *Maelström*”. Como o narrador salienta: “A sorte nunca dá, só empresta’ diz o ditado sueco” (GULLANDER, 2007, p.74). O evento da “descida” é abrupto e chocante quando o professor atende o telefone e descobre que seus alunos mataram o inspetor para que nunca mais o incomode. E isso o motiva a abandonar tudo e viajar:

Por vezes um homem precisa dum pretexto para partir, para se tornar um viajante para quem terras estranhas e separação são sua herança. Existem muitas formas de partida, muitas formas de viagem, e muitas estradas. Entre outras, esta foi uma oportunidade de conseguir um passaporte para a descida. Uma oportunidade para largar tudo, fazer-se à estrada, e tentar escrever um livro. Soara a hora para consultar o oráculo: saiu-lhe 29 transformando-se no 56. (GULLANDER, 2007, p. 75)

O excerto acima demonstra e prenuncia o capítulo seguinte ao aludir à imagem de um oráculo tradicional da cultura oriental. Trata-se do famoso livro chinês *I-Ching*, também

conhecido como *O livro das mutações*. Dá-se assim, um panorama abrangente sobre essa obra em vários capítulos a seguir, como o capítulo “7 - o livro das mutações: abismal duplo e o homem que se dividiu em dois”. Ao que a numerologia é importante fator de entendimento do raciocínio lógico e mais abstrato dessa filosofia milenar, bem como em relação à simbologia do duplo na mutação de tudo que existe: por exemplo, os números do trecho citado denotam tal peculiaridade, uma vez que  $2+9=11$ ,  $1+1=2$ ; e  $5+6=11$ ,  $1+1=2$ , indicando no número 2 o misticismo divino da dupla natureza das coisas no universo em ciclos que contrastam. O dia e a noite, a chuva e o sol, a época de colheita e a de plantio, o elemento masculino e o feminino, entre outras tantas analogias da natureza que são duplas. A seguir, vamos aprofundar acerca desta obra oriental que evoca a metamorfose, a semelhança da lenda do *Maelström*, no que tange ao contexto ocidental da mudança interior.

### A metamorfose do contexto cultural ocidental do *Maelström* ao oriental do *I-Ching*, *O livro das mutações*

É então a partir do capítulo 7 do romance de Gullander que se aborda diversos aspectos filosóficos do livro *I-Ching*, *O livro das mutações*, o qual foi criado há cerca de 3.000 anos na China. É um texto clássico chinês, composto de várias camadas sobrepostas, configuradas ao longo do tempo. É um dos mais antigos e um dos únicos textos chineses que chegaram até nossos dias. *Ching*, significa “clássico” e foi o nome dado por Confúcio à sua edição dos antigos livros. Antes era chamado apenas *I*. O ideograma *I* é traduzido de muitas formas e no século XX ficou conhecido, no ocidente, como “mudança” ou “mutação”. A linguagem desta obra é bastante complicada de se compreender desde o ponto de vista dos ocidentais, porquanto tem uma abordagem cifrada. O narrador de *Perdido de volta* sintetiza tal conexão com o livro chinês em dito capítulo:

Ter um gêmeo é como ter uma mente dupla, a mais- é como ter uma cabeça extra sobre os ombros- é saber tudo o que faço, até o mais íntimo detalhe, mas pelo lado de fora. É vermos-nos em diferido e de ângulo inverso. Ter um gêmeo é ser-me a mim mesmo duas vezes [...] É duplicar as oportunidades, enganar a bifurcação [...] (GULLANDER, 2007, p. 78)

Essa imagem da mente dupla, de gêmeos, é uma metáfora do próprio *I-Ching* e pode-se entender por meio de um discípulo da filosofia taoísta, quem especifica a lógica diferenciada dessa filosofia asiática milenar:

Nosso Mestre Liu dizia que para alcançar uma realização espiritual é preciso deixar para trás o nosso eu pequeno e abraçar o nosso eu verdadeiro. Deixar para trás o eu pequeno exige uma honestidade total consigo mesmo: – Quais são as minhas verdadeiras motivações, minhas metas, meus valores? São legítimos? Por quê? É preciso cultivar o vazio do coração, cultivar a humildade, a compaixão e a moderação. Os falsos caminhos são aqueles que não questionam o eu pequeno, que vai acabar reforçado: – Oh, como eu sou espiritualizado [...] (MOREIRA, 2008, s/n)

Assim, o “eu pequeno” e o “eu verdadeiro” como meta, são as duas faces que podem ser chamadas de gêmeos ou mente dupla. Não deixa de ser um elemento binário, cuja

simbologia poderia nos remeter ao já conhecido antagonismo entre o “céu” e a “terra”, a partir de uma visão ocidental. O estudioso do *I-Ching*, Richard Wilhelm explicita essa relação e sua lógica interna:

O *I-Ching* toma como fundamento desse sistema de relações a distinção entre o céu e a terra. O céu é o mundo superior, luminoso, que, apesar de incorpóreo, rege e determina com firmeza tudo o que ocorre. Diante dele está a terra, o mundo inferior, obscuro, corpóreo, que, em seus movimentos, depende dos fenômenos celestes [...] Esses dois princípios fundamentais de toda a existência são então simbolizados pelos dois hexagramas básicos do Livro das Mutações, o Criativo e o Receptivo. (WILHELM, 2006, p. 218)

A despeito da visão ocidental dos opostos, a visão oriental (através dos elementos criativo e receptivo) sobre os opostos não conforma valores absolutos, pelo contrário: se complementam. O criativo representa ou simboliza a força ou mutação do elemento masculino; enquanto o receptivo é a essência e energia feminina. Em outros termos, é o significado (dentro da filosofia chinesa) do *Yin* e *Yang*. O *Yin* é o princípio passivo, feminino, noturno, escuro e frio. Ele se representa o lado esquerdo da esfera, na cor preta. Já o *Yang* é o princípio ativo, masculino, diurno, luminoso e quente. Está representado pelo lado direito da esfera, na cor branca. Segundo os chineses, o mundo é composto por essas forças opostas e ao mesmo tempo complementares. E achar o equilíbrio entre elas é essencial, pois traz o equânime “caminho do meio” que todos almejam para suas vidas, no âmbito de um genuíno “despertar espiritual”. Em suma, sob uma ótica configurada em dois “eus”, que se complementam, apesar da diferença de graduação, a mesma evidentemente influenciou o romance de Gullander. Acerca disso, o outro elemento que aparece na narrativa sobre o *I-Ching*, além do contexto filosófico, é o caráter de oráculo, cujo teor representa uma medida almejada, em relação a uma possível mudança futura, como se verifica neste excerto:

O hexagrama foi construído. *I-Ching*, o livro das mutações: seis moedas atiradas, jogadas, e um destino, um trilho, um naco de estrada é revelado. Só procura o caminho quem sabe estar perdido. A maioria não sabe [...] O Abismal duplo, hexagrama número 29 do *I-Ching*. [...] Este hexagrama significa o mergulhar [...] no mundo dos homens, representa o coração, a lama aprisionada dentro de um corpo, o princípio da luz encerrada dentro da treva. O nome do hexagrama tem um sentido adicional, repetição do perigo. (GULLANDER, 2007, p. 81)

Os hexagramas, na visão oriental do *I-Ching*, constituem a totalidade dos fenômenos de transformação que observamos no mundo. São imagens que sintetizam a energia e função do oráculo. Dominando os hexagramas é possível ter ciência dos fenômenos futuros e tomar decisões mais profundas sobre a vida:

Os hexagramas do Livro das Mutações são reproduções dos fenômenos que se manifestam na terra. Em suas inter-relações eles evidenciam as inter-relações de todos os eventos do universo. Os hexagramas eram então representações de ideias [...] Os hexagramas eram, por assim dizer, imagens oraculares, que mostravam o que se poderia esperar que ocorresse em determinadas circunstâncias [...] Isso marca o início da liberdade de escolha [...] O Livro das Mutações, abrangendo as diferentes situações da vida, dá ao homem condições de plasmar para si uma vida significativa, realizando, em cada caso, segundo uma perfeita ordem e seqüência, aquilo que a situação exige. (WILHELM, 2006, p. 222-223)

É a atmosfera aplicada aos personagens de *Perdido de volta*, os quais exerciam seu livre arbítrio e através de fatos que os faziam refletirem suas vidas, buscavam se transformar de alguma maneira. Antecipar ou precipitar (como ocorre na história do *Maelström*) as transformações ou mutações do seu mundo interior é o que almejam cada um dos personagens de Gullander, sendo que ditas situações se configuram como se fossem avisos ou “oráculos” interiores que “despertam” no âmago de cada um. Eles precisam se precipitar nesse redemoinho temporal e se transformar interiormente. Tal processo de mutação é uma viagem, seja ela exterior ou interior, geralmente provocada por algo externo que ocorre, como nesse caso, na busca da sabedoria. No capítulo “11 - abandonar o lar para procurar casa. O escritor” - um escritor que vai sair de casa para se aventurar, abandonando sua mulher, reflete sobre como o *Maelström* se desencadeia, em seu caso:

[...] é preciso lembrar que para se chegar à porta do oceano, à borda centrípeta do Maelström, é necessária suficiente dignidade. Ninguém se deve aventurar na descida se não se sente preparado - e normalmente, é exactamente por causa dessa mesma falta de preparação e maturidade - essa sede - que a maioria se precipita pelo Maelström adentro [...] Para as pessoas impreparadas, as suas máscaras, as suas personas, racham, e por detrás surgem todas as projecções, todos os sonhos do labirinto hermético [...] (GULLANDER, 2007, p. 102-103)

E na sequência, o personagem conclui que a linha é tênue entre se aventurar a uma mudança radical de paradigma da própria vida ou se entregar às últimas consequências, por meio de uma infeliz decisão que seria a de se suicidar, em um ato de puro desespero. A metáfora da “descida no *Maelström*” é, dessa forma, uma busca de si mesmo bastante delicada para muitos que a empreendem:

Porque nunca o erro pode ser a causa da solução. Nunca uma mentira pode parir uma verdade. [...] O suicídio é resultado desta agenda oculta. E este é, no fundo, o grande desafio para aqueles que descem o Maelström: Resistir ao suicídio. Seja físico ou anímico. (GULLANDER, 2007, p. 107).

Finalmente, o personagem-narrador toma a derradeira atitude de abandonar tudo, deixar sua antiga vida para trás e recomeçar seu processo de autoconhecimento. A retirada da máscara simboliza, mais uma vez no romance, uma atitude de reconfiguração de si mesmo:

[...] tem, necessariamente de esquecer aquele que pensava ser, antes de poder integrar a descida do Maelström. Tem de, perante o espelho do imprevisível, retirar a sua máscara de anos; pousar a sua persona diante de si - e esmagá-la de um só golpe. Tem de rachar a cara. Abandonar o lar. De vez. (GULLANDER, 2007, p. 110)

Dentro desse contexto, o que está subjacente é o intuito de mudança de uma filosofia de vida, uma reflexão profunda, um caminho pleno de autoconhecimento, o qual não cessa nunca. Haja vista ser o caminho pregado tanto pelo *O livro das mutações* chinês quanto pelo mito nórdico do *Maelström*, enquanto marcos ideológicos de todo o romance *Perdido de volta*. Gullander mistura sem pudor, e com muita inteligência, a sabedoria oriental com essa lenda ocidental. E em relação às diversas mudanças da nossa vida, fenômenos que na filosofia de vida oriental (ligada ao *I-Ching*) se aceita com serenidade,

o narrador expressa metaforicamente dito preceito ideológico, ao comparar a natureza biológica dos olhos com um sentido mais abstrato de mudança de perspectiva ou ótica: “Algo viaja ao longo de todos estes mundos, utilizando este corpo que já nunca é o mesmo (sabias que o globo ocular é, até ao nível molecular, todo renovado em 48 horas? Cada 48 horas os teus olhos já são outros...)” (GULLANDER, 2007, p. 256).

Entretanto, há um momento do romance que nos convida a uma reflexão filosófica muito pertinente no que diz respeito ao que nos move até o ato de mudar. No capítulo “19 - como se...fosse livre, diz a máquina”, o narrador faz uma comparação entre o homem e a máquina, associando a natureza de um ao outro e suscita no leitor um paradoxo; segundo ele, quando tomamos uma decisão, usando de nosso livre arbítrio, essa escolha não seria livre pois já seria pré-disposta e, assim, não possuiríamos o controle pleno de nossas ações:

Foste programada para pensares que és livre [...] compreende as implicações lógicas disto: cada pensamento que te leva a fazer algo, quando tu ficas consciente dele, é porque à meia fracção de tempo atrás ele já estava no teu cérebro [...] Livre arbítrio – quem, porventura, pensou-se dono da sua vontade? Ah!, a liberdade foi-nos emprestada- ela não é nossa! (GULLANDER, 2007, p. 175-177)

Nesse ínterim, o capítulo “21 - o tribal de Bombaim”, a metáfora da “descida no *Maelström*” ganha novos contornos por meio de uma mudança externa, ao se dirigir a um lugar físico. Configura-se em uma busca espiritual, na qual um personagem-narrador (não identificado) viaja para a cidade de Bombaim, na Índia, procurando um guru e este o “contaminou”, o fez modificar-se plenamente:

[...] existem buscadores, cujo destino é cruzarem-se com estes homens. Avida é um mistério [...] Rumores dizem-me e tudo me confirma, agora, que ele é um dos grandes mergulhadores do *Maelström*- e eu vejo os remoinhos de água que se escoam a meus pés nestas semanas de monção [...] Agora que estou aqui, tenho de encontrar este homem. O livro dele mordeu-me como uma serpente de duas cabeças: uma para seduzir, outra para envenenar. Agora tenho de capturar, em terreno próprio, o veneno para poder sintetizar o antídoto [...] procurar alguém que me diga onde está este homem, este guru. O homem que diz que Deus é tanto a vítima como faca e o assassino [...] Porque o sofrimento é o engenho, a força motriz deste universo, deste filme. Para haver alívio é preciso tensão, e para haver gozo é preciso haver conflito. (GULLANDER, 2007, p. 188-189)

Como o personagem é escandinavo (autobiográfico), sua busca de respostas se transfigura do ocidente para o oriente. Sua procura é motivada pelo sentido da vida, de tentar entender sua religiosidade, a força que rege a tudo, o Deus que abrange o todo existente. Logo, o narrador justifica que o sofrimento é causado por nós mesmos, somos partícipes da própria desgraça e sofrer é só o contraste do que se deve almejar para “mergulhar no *Maelström*”, metáfora de debruçar-se sobre si mesmo, no anseio de autoconhecimento. Por isso há o conflito e ele é mais comum nesse consumismo desenfreado, em uma ganância que assola e oprime, conforme o que ele interpretara do seu guru ou guia espiritual:

“A essência desta realidade é a dança do conflito, é conflito, é a carência” diz ele. Nada há que seja suficiente para todos. A eterna e universal Fome - a carência de comida, de Justiça, de Amor, e muito especialmente, de Tempo. Pode-se redimir quase tudo com o dinheiro,

que finge comprar quase tudo, comida, justiça e- ah! o amor- o dinheiro que compra tudo, menos o Tempo. (GULLANDER, 2007, p. 189)

O apice dessa intensa procura transcendental é refletida no capítulo “34 - sementeira de ventos, para se colherem tempestades”. Um narrador onisciente, configurado na terceira pessoa, comenta a visão ocidental em relação à rotina regrada e campestre dos orientais que praticam meditação e mergulham em seu âmag, como forma de contemplar a vida (ou a “descida no *Maelström*”):

Fora as horas no campo, o fulcro de toda a actividade era uma técnica sem suporte, em que uma pessoa se senta, sem fazer nada, sem pensar nem tentar parar de pensar- sem mexer nem tentar deixar de mexer [...] Só sentar. E apenas. Horas e horas por dia. E depois, tal como a irrequietude dentro da cabeça, o corpo desiste. E nessa desistência, o milagre. Milagre que os povos produtivos e desenvolvidos, que gozam dos povos ditos mais parados e atrasados, não conhecem. Mas eles não estão parados, nem atrasados: estão a praticar: o milagre. (GULLANDER, 2007, p. 333-334)

O “milagre” referido pelo narrador é o nirvana, pois, para os praticantes do budismo e de outras correntes espiritualistas que valorizam o ato de meditar, em um modo de atingir um estado de graça existencial. Dessa forma, o romance *Perdido de volta* auxilia na desmistificação e no respeito às tradições orientais milenares e vê um ponto em comum com a visão ocidental da busca ou mergulho em si mesmo, diante dos conflitos existenciais de diversos personagens da narrativa, simbolizados por esse movimento dinâmico da história mítica do *Maelström*. No capítulo seguinte vai se concatenando essa união de paradigmas entre a visão ocidental e a oriental, no mesmo anseio de espiritualidade que visa a uma profunda transformação do ser que a busca. Em “o guru louco- ii”, o personagem (escritor) que se encontra na Índia explica o momento pelo qual se depara com esse guru, a quem ele chama de “Velho”:

Este guru era um dos maiores mergulhadores do *Maelström*. Se bem que o termo, a palavra sinônima a *Maelström* por ele utilizada, fosse Samsara. Explica ele que Samsara e o Vazio são o mesmo- e isso e Deus são o mesmo, também. O Velho era um guru que se cruzara com quase tudo aquilo que eu me cruzara, e com quase tudo aquilo que eu, mais intimamente, procurava. Ele já descera o *Maelström* até ao fundo. Ele sabia. Ele tinha de saber o que se encontra no seu fundo, e do outro lado. (GULLANDER, 2007, p. 345)

O que ele compara com o *Maelström*, na visão ocidental do mito, é o conceito de *Samsara*. Segundo a tradição budista, é uma ideia que se caracteriza por três aspectos, abrangendo a existência no mundo e que nos causam enganos e ilusões:

O Buda descreveu todos os fenômenos mundanos como tendo três características: impermanência, sofrimento e ausência de identidade. Sofremos porque imaginamos aquilo que não tem identidade (por si só) como tendo, aquilo que é impermanente como sendo permanente, e aquilo que de um ponto de vista final é dor como sendo prazer. A existência com essas três características é chamada de “samsara”, que significa fluir continuamente, seguir em frente, de um momento para o próximo momento e de uma vida para a outra vida. Samsara não é o mundo externo real ou a própria vida, mas a maneira como o interpretamos. Samsara é a vida como a vivemos sob a influência da ignorância, o mundo subjetivo que

cada um de nós cria para si próprio. Este mundo contém bem e mal, alegria e dor, mas eles são relativos, não absolutos; podem ser definidos somente em relação uns aos outros, estão continuamente mudando para seus opostos. Embora o samsara pareça algo todo-poderoso e abrangente, isso é criado pelo nosso próprio estado mental como um mundo de sonho, e pode ser dissolvido no nada, como o despertar de um sonho. Quando alguém desperta para a realidade, mesmo por um momento, o mundo não desaparece, mas é experimentado em sua verdadeira natureza: puro, brilhante, sagrado e indestrutível. (FREMANTLE, 2019, s/n)

Atingir o nirvana, por meio da meditação, ou simplesmente “despertar” espiritualmente é o desejo de todos que estão na busca de respostas sobre o sentido da vida, sob a perspectiva do “mergulho no *Maelström*”. Nesse sentido, o momento mais simbólico e interessante do romance *Perdido de volta* é um diálogo entre o guru como mestre que muitos procuravam e os seus discípulos. Sintetiza-se em uma passagem filosófica que ilustra a metáfora do *Maelström* e nela o guru explica o funcionamento das leis universais, as quais a todos regem e o livre-arbítrio se configura na lei de ação e reação (ou de causa e efeito):

Esta lei da acção e reacção é uma lei natural, como qualquer outra lei do mundo manifesto [...] Dá um murro na parede e a força inversamente proporcional àquela aplicada para dentro da parede será a mesma que te entrará pelo braço acima [...] É a nossa própria liberdade que nos permite sermos preguiçosos e, conseqüentemente, ignorantes. Mas a Lei não contempla o desconhecimento da liberdade como justificação [...] O universo é governado por leis, a ruptura de uma, traz uma resposta, uma tragédia [...] porque a lei da causa-efeito não é absoluta, pois pode ser neutralizada por outra lei igualmente forte, na direcção oposta. Assim o ódio pode ser neutralizado pelo amor, a ignorância pela inteligência, a violência pela compreensão. E isso ainda não foi escrito para ninguém, todos podem escolher. Agora. O jogo está todo em aberto. Agora. (GULLANDER, 2007, p. 352-353)

Deste modo, as reflexões filosóficas são constantes na narrativa e convidam o leitor a muitos pensamentos de cunho metafísico, sempre pautadas pela metáfora de se autocohecer, de transcender e se transformar em um novo eu. O capítulo “45 - noites de canisades” é o que concretiza o simbolismo do mergulho no redemoinho mitológico nórdico: a personagem Aline, quem em várias passagens do romance é jovem e bela, de repente aparece envelhecida, conforme a lenda que denota que ela “mergulhou no *Maelström*”:

De repente [...] no meio do círculo de gente curiosa e que ri, vejo uma velha. Ela tauteia e grita, para logo no instante seguinte começar a sussurrar para si mesma [...] “Apesar de tudo anda-se sempre sozinha...” diz uma mulher precocemente envelhecida que, agora, reconheço ser Aline, a estranha, outrora a mais bela mulher da ilha. (GULLANDER, 2007, p. 455)

Esse é o momento de consumação do símbolo da mutação dentro do romance, é uma espécie de preâmbulo dos últimos capítulos, após muitas idas e vindas de personagens que transformam suas vidas, que modificam suas formas de ver, postuladas por vários ângulos da existência. O capítulo “49 - retorno”, é a evidência de que nós, como leitores, também conseguimos sair desse redemoinho mitológico escandinavo, acordando do transe ditado pelas diversas narrativas complexas do livro, perante um emaranhado de reflexões metafísicas. Em outras palavras, o personagem-narrador do início também se desvencilha do mergulho ao redemoinho metafórico. Ele adormecera no começo da narrativa e agora surge novamente e dialoga com o leitor nos seguintes termos nada conclusivos:

Sobressalto. Tinha adormecido, por instantes, como numa tarde de sol, quando se desliza para um sono profundo, instantâneo, numa praia de areias quentes. Mas, agora, algo me acordara. Estou no escuro de uma sala de teatro alternativo, em Gamla Stan, Estocolmo... ou tal vez não, e alguém me soprou ao ouvido, e a sala está completamente escura, exceptuando o palco e o ressoar de um tambor. Viro-me para trás à procura da pessoa que corresponda à voz- a voz que sussurra, juro, as seguintes palavras: “Nesta encruzilhada, pareces-te mesmo com o homem da dança [...] Andaste perdido, mas agora estás de volta. Perdido de volta.” (GULLANDER, 2007, p. 493)

## Considerações finais

Portanto, de uma forma instigante é que termina o romance de Miguel Gullander e há nele diversas vertentes temáticas que marcam o contexto da mutação: seja por valores multiculturais mesclados (a história mitica escandinava que representa a cultura ocidental e o *I-Ching* chinês, representando a cultura oriental), seja por reflexões filosóficas sobre a vida ou, imagens surreais que confundem e desconstroem nosso raciocínio (pois, a fragmentação narrativa e imagística é uma constante na obra). São todas maneiras de se pensar para além de ideias que expressem certezas ou verdades absolutas, assim como delimitações culturais definidas e imutáveis.

*Perdido de volta* é uma narrativa de teor plenamente contemporâneo. Seu estilo de narrar abala convicções e destrói ideias feitas ou preconcebidas. E dentro desse redemoinho narrativo, o que aparece na introdução do primeiro capítulo do livro -“Todas as pessoas são uma máscara e todas as máscaras escondem um só dançarino [...]” (GULLANDER, 2007, p. 14) – verifica-se em toda obra, na medida em que há vários personagens que se dispersam a ponto de ficar difícil, por vezes, identificar cada um deles ao longo dos 49 capítulos do enredo. É o *Maelström* posto na prática também, no modelo de contar a história, diante de um confuso leitor, o qual precisa se esforçar para ligar os laços narrativos entre os variados personagens. Tudo isso permeado por mudanças súbitas e inesperadas, símbolos também desse estilo de contar, cujo teor atesta que nada é imutável, característica literária e contemporânea de fugir de fórmulas engessadas.

## Referências

- FREMANTLE, F. *Vazio Luminoso*. Disponível em: <http://darma.info/trechos/2008/08/o-que-samsara/>. Acesso em 09 fev. 2019.
- GLEISER, M. *Descida a um “Maelström” cósmico*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2809200303.htm>. Acesso em 09 fev. 2019.
- GULLANDER, M. *Perdido de volta*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- MOREIRA, Antonio. Disponível em: [www.antonimoreira.com.br](http://www.antonimoreira.com.br). Acesso em 14 dez. 2008.
- POE, E. A. *Uma descida no Maelström*. Disponível em: [http://mir2050.narod.ru/brabook/kniga\\_portuguese\\_Edgar-Poe\\_UMA\\_DESCIDA\\_NO\\_MAELESTROM\\_37pages.pdf](http://mir2050.narod.ru/brabook/kniga_portuguese_Edgar-Poe_UMA_DESCIDA_NO_MAELESTROM_37pages.pdf). Acesso em 08 fev. 2019.
- WILHELM, R. *I-Ching. O livro das mutações*. Tradução para o português de Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.

Recebido em: 09/02/2019; Aceito em: 27/03/2019